

## RELAÇÕES HUMANAS: ANÁLISE DO AMOR NA EDUCAÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS DA EEEF DOMINGOS PERIM

<sup>1</sup>Leiliane Ferrare Ramos

<sup>2</sup>Professora da Secretaria Estadual do Espírito Santo – SEDU, leiliferrare@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo a pesquisa sobre a análise do amor na educação. Investiga as relações humanas entre professor e aluno, como acontece essa relação diária, fatores que influenciam direta ou indiretamente no contexto escolar e as relações humanas neste meio. Optamos em observar e discutir como acontece um dos afetos, o amor (Freud 1910-1912-1997) e (Alves 2005), e como a transferência acontece na relação professor e aluno. Como metodologia de trabalho utilizamos a pesquisa bibliográfica em artigos e livros sobre o tema, e a pesquisa de campo. Com base nas teorias dos discursos de Freud (1910) sobre a complexidade do desenvolvimento do complexo de Édipo e Rubem Alves (2005) com o instante de ver e compreender o que acontece nessa relação, o artigo faz uma reflexão sobre os efeitos das diversas relações humanas existentes no contexto escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amor, educação, transferência, relações humanas.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho origina-se da necessidade de refletir sobre os desafios que enfrentam os professores e alunos em suas relações. Busca estabelecer objetivos, provocações e critérios sobre as relações humanas (Alves 2005), no cotidiano escolar analisando as situações diárias vividas, levando em consideração a atuação docente em escolas públicas e diante das experiências vividas junto aos colegas de profissão.

Diante de tantos fatos atribuídos a educação ou a falta dela, tendo sempre o professor no centro das discussões, surge a seguinte problemática: seria possível ao professor exercer a sua posição de autoridade sem se mostrar indiferente aos alunos?

Observando os desencontros e divergências nas relações humanas dentro das escolas, buscando compreender como acontece e por que acontecem alguns conflitos, buscamos refletir, dialogar e expressar genuinamente os sentimentos das pessoas envolvidas nesta relação. O fato de o professor exercer uma posição de autoridade, não o faz diferente de seus alunos. O professor pode estabelecer os limites da relação e, ao mesmo tempo, fazer com que os alunos se sintam valorizados.

Entender um pouco sobre o amor de transferência (Freud 1910) e como é o relacionamento familiar, nos faz compreender muitas das atitudes dos nossos alunos. Procurando alcançar melhores resultados nas relações, para que de fato a escola seja um lugar de aprendizagem efetiva e prazerosa. Sabemos que, de maneira geral, todos os relacionamentos requerem respeito ao próximo, ética e por muitas vezes, se colocar no lugar do outro, são regras simples que evitam maiores desgastes no cotidiano escolar, que é por excelência um cotidiano de relacionamentos:

Antigamente, a instrução dos filhos era dever exclusivo da família. Mas a vida foi se complicando e o conjunto dos conhecimentos a serem adquiridos por uma pessoa também se estendeu indefinidamente. O resultado disto é que a escola tomou, aos poucos, o encargo de instruir as crianças e os adolescentes. Muitos até lhe atribuem a missão de formá-las o caráter. Se a importância da escola é tão grande na educação dos nossos filhos, convém aos pais cercar de todo carinho não somente a escolha do colégio, mas ainda as relações entre a família e o diretor e professores (WEIL, 2004, p. 61).

A escola e a família são responsáveis pela formação das crianças e adolescentes, enquanto pessoa e cidadão. Um fator importante para que essa parceria aconteça de forma eficaz, é estabelecendo um relacionamento de respeito entre família e escola.

Nesse sentido, o trabalho apresenta-se dividido em três partes, na primeira apresentamos o percurso metodológico, na segunda parte tratamos do tema amor de transferência, baseando os estudos de Freud (1912) e Alves (2005), apontando que o desenvolvimento das boas relações na escola é o caminho para uma aprendizagem mais significativa e eficaz, para finalizar tratamos detalhadamente a relação professor e aluno, apresentando a didática do afeto e como esta se desenvolve nas salas de aula.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 AMOR DE TRANSFERÊNCIA

A relação professor e aluno deve ser em primeiro lugar de respeito, o aluno precisa se sentir valorizado por seu professor. Não acreditamos que se eduque alguém com gritos, embora que, por muitas vezes, seja difícil controlar nossas emoções quando somos desafiados ou maltratados, mas o professor enquanto parte adulta dessa relação deve tentar buscar meios para alcançar todos os seus alunos.

A relação de amizade, amor (Freud, 1912), empatia e companheirismo traz o aluno para perto do professor, quando o aluno confia no professor ele aprende melhor, criando laços afetivos. É interessante lembrar, pois é um fato bastante comum que acontece nas escolas, quando o aluno percebe que o seu professor é dedicado e preocupa-se com eles, os alunos passam a fazer as atividades e procuram estarem presentes em eventos da escola devido à parceria estabelecida com o professor, e isso é muito comum de ser vivenciado e também recompensador ao nosso trabalho.

Ouvir nossos alunos é a melhor maneira de demonstrar para eles que nós nos importamos com eles, conquistamos sua confiança fazendo com que todo o processo de ensino e aprendizagem fique mais fácil e leve. Escutar o que os nossos alunos têm a nos dizer é sempre muito importante, pois são nesses momentos que observamos o que o aluno nos sinaliza o que ele quer aprender, o que ele ainda não aprendeu e o que precisa ser melhorado no processo de ensino e aprendizagem. Estabelecer um relacionamento de amizade e empatia com nossos alunos além tornar as aulas mais ricas, conquistamos o amadurecimento para esses. Essa troca é muito prazerosa para o aluno e para o professor, a educação tem isso, de trazer todos para perto, de ajuntar, trabalhar em equipe é recompensador e traz muitos resultados.

Alves (2005), faz considerações importantes acerca de relacionamentos e os órgãos do sentido, ele traz em alguns de seus textos comparações, indicando como a relação entre nós seres humanos deveria ser. Para o autor o papel da educação é de agregar conhecimentos para a vida dos alunos e que não seja somente conhecimentos repassados para cumprir um currículo:

Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica. A sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física (ALVES, 2005, p.26).

O autor no texto *A arte de ver*, cita que a diferença se encontra no lugar onde os olhos são guardados. Pois bem, tudo o que diz respeito a arte e educação depende da maneira como olhamos para o que nos cerca. Assim como nós não observamos a beleza ao nosso redor, por muitas vezes temos dificuldade em observar aonde precisamos melhorar enquanto professores, e observar o que nossos alunos nos sinalizam que querem e precisam aprender. Não podemos apenas olhar os entraves e impasses que surgem em nosso dia a dia, nos resultados não alcançados que nos frustram

enquanto profissionais, precisamos enxergar além, acreditar que podemos aguçar nossa visão, observando as belezas que a vida nos traz através da educação e da arte que estão por todo lugar.

A primeira função da educação é ensinar a ver (ALVES, 2005). Segundo o autor ver é muito complicado, depende de quem e de como vê. Nas belíssimas obras de arte também é necessário fazer interpretações, assim como na educação. Então, a relação estabelecida pelo autor é o olhar para as surpresas e os assombros, a importância que damos para as coisas que estão e acontecem ao nosso redor.

O papel do professor é de ser mediador, dar suporte, levar o aluno a construir conceitos a partir de experiências práticas e fazer o aluno acreditar em suas potencialidades. O segredo de uma relação saudável e de harmonia entre professor e aluno está exatamente nisso, em conquistar a confiança do aluno e deve ser de extrema sintonia, buscando sempre ensinar pelo exemplo, com atividades práticas que envolvam o aluno, despertando nele o interesse e a curiosidade.

É necessária a intervenção do professor para levar o aluno a acreditar em suas possibilidades. O professor precisa compreender o que os alunos falam, e os alunos precisam compreender o que o professor procura ensinar-lhes. A troca de experiências deve ser constante, a problematização, a prática e o instrumento devem acontecer em todo momento, criando condições para o aluno absorver os novos conhecimentos, permitindo a evolução e amadurecimento intelectual do aluno em relação aos conhecimentos estudados. Fazendo com que o aluno amadureça evoluindo sempre para o conhecimento crítico formado por ele. O professor orienta, ensina e leva o aluno a construir o conhecimento acerca do que lhe foi orientado, e o aluno assimila com o senso crítico.

O professor e o aluno trocam experiências, os dois aprendem juntos e com o passar do tempo, o aluno passa a realizar as tarefas sozinho, não mais precisando de suas intervenções, tornando-se independentes.

Alves (2005), ainda faz algumas considerações sobre; o tocar, o sentir, o estar presente, o prazer. Lembrando de tantas sensações boas e ruins que o tato pode nos dar, trazendo a intensidade de sensações que só podemos ter ao estabelecer contato físico com outra pessoa, que somente este sentido nos dá.

O autor concebe o tato na experiência humana como uns dos sentidos mais importantes das relações humanas, o mais interessante é que Alves (2005) traz a memória algumas teorias como a de Freud (1910-1912) nas fases de desenvolvimento do ser humano, fases essas que não citarei neste trabalho, podemos exemplificar apenas que os vícios estão ligados diretamente a essas fases mal desenvolvidas, mas que citando-as deixaríamos o foco desta pesquisa ou a tornaria demasiadamente extensa.

Em suas obras *A Psicologia do amor I, II* e o *Mal-Estar Da Civilização*, Freud (1910-1912-1997), discorre além das relações humanas entre entes familiares e a vida em comunidade. Em *Totem e Tabu*, ele demonstra o caminho que vai dessa família à etapa seguinte, um exemplo claro de como o complexo de Édipo atua em toda a estrutura familiar e social:

O amor que fundou a família continua a operar na civilização, tanto em sua forma original, em que não renuncia à satisfação sexual direta, quanto em sua forma modificada, como afeição inibida em sua finalidade. Em cada uma delas, continua a realizar sua função de reunir consideráveis quantidades de pessoas, de um modo mais intensivo do que o que pode ser efetuado através do interesse pelo trabalho em comum (FREUD, 1997, p.65-66).

As pessoas nomeiam a palavra amor ao relacionamento entre homem e mulher, devido as suas necessidades sexuais, entretanto, o amor, existe em outras relações humanas, sejam elas entre irmãos, familiares, amigos ou mesmo entre o professor e o aluno. Esta forma de expressão do amor nomeamos o amor de transferência, fazendo uma ligação do complexo Édipo (Freud, 1997) a esse

tipo de relação, que nos dias atuais tem sido bastante comentado pelo aumento de agressões que cada vez mais os professores têm sofrido.

Freud (1997), não se cansa de mostrar quão fundamental é uma reflexão sobre os afetos, como a experiência social e política mobiliza e produz afetos que funcionam como base para a sustentação social. A concepção freudiana não é apenas a expressão de escrever fenômenos sociais a partir da ligação de seus afetos, há também um querer entender como os afetos são produzidos para bloquear expectativas emancipatórias. Privilegiando as figuras de autoridade, acreditando que os vínculos com as autoridades constituem sujeitos, através de processos de identificação.

A relação dos afetos e desafetos aos vínculos de autoridade e política, parte da crença de que a nossa referência política, é pela incorporação da liderança (autoridade). Para vencermos essas questões, devemos romper essas ligações, quebrando os afetos e as nossas projeções nas autoridades. O desamparo nos abre para os vínculos sociais, nos constituindo sujeitos.

Para Freud (1997), o verdadeiro teor do desamparo está vinculado ao contexto social, gerado pelo desencantamento do mundo. O uso da teoria evolucionista das concepções de mundo segundo o autor, pode nos levar a uma reflexão complementar, ganhando relevância no momento histórico da apreensão do sentido como totalidade das relações no momento de ruptura de pensamentos entre o homem e a natureza, dessa forma Freud (1997) compara como a política e o desamparo podem afetar a vida dos sujeitos modernos, causando sofrimento psíquico intenso e os principais impactos serão descobertos na socialização no interior da família. O desamparo causa no indivíduo dúvidas sobre sua forma existencial e é no interior da família que o ser humano se sente amado pelas figuras de autoridades, garantindo ao sujeito a compreensão da sua existência, produzido através dos pais:

O fato de que a restrição feita ao amor pela civilização envolva uma tendência universal a depreciar os objetos sexuais pode conduzir-nos, talvez, a desviar nossa atenção do objeto para os instintos em si. O prejuízo causado pela frustração inicial do prazer sexual se evidencia no fato de que a liberdade mais tarde concedida a esse prazer, no casamento, não proporcione satisfação completa. Mas, ao mesmo tempo, se não se limita a liberdade sexual desde o início, o resultado não é melhor. Pode-se verificar, facilmente, que o valor psíquico das necessidades eróticas se reduz, tão logo se tornem fáceis suas satisfações. Para intensificar a libido, se requer um obstáculo; e onde as resistências naturais à satisfação não foram suficientes, o homem sempre ergueu outros, convencionais, a fim de poder gozar o amor. Isto se aplica tanto aos indivíduos como às nações. Nas épocas em que não havia dificuldades que impedissem a satisfação sexual, como, talvez, durante o declínio das antigas civilizações, o amor tornava-se sem valor e a vida, vazia; eram necessárias poderosas formações reativas para restaurar os valores afetivos indispensáveis [...] (FREUD, 1912, p. 99-100).

Na visão de mundo científico a afirmação de Freud (1997), é a que o sujeito reconhece sua pequenez e submete-se a autoridades políticas ou religiosas. O sujeito assume todo seu desamparo no curso da vida, movido pela culpa por não aceitar a figura de autoridade maior, como citada em Totem e Tabu por Freud (1997), na teoria do complexo de Édipo. Essa teoria consiste em na tragédia grega. Édipo (Rei) designa o conjunto de desejos amorosos e hostis que o menino enquanto ainda criança experimenta com relação a sua mãe, seria uma fase de enamoramento do filho pela mãe. Esse fenômeno psíquico também ocorre nas meninas em relação ao pai, se dá o nome de complexo de Electra, mas o fundamento das teorias dos complexos tem como base a transferência simbólica e inconsciente dos seus entes familiares a sujeitos que assumem diante deles um papel de autoridade ou de importância, relacionados ao desenvolvimento da criança.

A relação professor e aluno, implica na relação de amor, afetiva. O amor de transferência se dá por meio da construção de uma identificação do sujeito simbólico. A transferência trata-se de um fenômeno psíquico presente em todas as relações humanas.

O professor pode ser suporte dos investimentos de seus alunos, porque ele é objeto de transferência. Além da figura do professor, o educador vai representar para o aluno uma função, substituindo nesse momento as figuras parentais, ou de pessoas que lhe foram importantes em sua vida, representando então no professor a transferência de alguém que o influenciou.

Podemos verificar como exemplo os relacionamentos familiares quando não são saudáveis, este trará influências ruins para a relação professor e aluno, pois o aluno transferirá os conceitos vividos por meio da representação simbólica dos pais para o professor, por meio da figura de uma autoridade maior, transferindo assim o que este indivíduo viveu no âmbito familiar. A posição que o professor ocupa, não é um lugar fácil de sustentar, pois nele são depositadas as projeções alheias a ele enquanto pessoa, a partir das experiências vividas pelo aluno. Tudo isso ocorre por meio do desejo inconsciente do indivíduo.

### 3 MATERIAL E MÉTODOS

As metodologias utilizadas neste trabalho foram pesquisa bibliográfica e também experiências vividas no contexto escolar com alunos do 6º aos 9º anos, com idades entre 11 e 15 anos. Sete professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental Domingos Perim, responderam a um questionário sobre a didática do afeto: o amor como forma de ensinar, e a teoria do complexo de Édipo em Freud (1997).

A partir dos estudos de autores como Alves (2005) e Freud (1997), que discutem as diferentes relações humanas, sejam elas na escola, em família ou em sociedade, trouxeram essa reflexão para a pesquisa. Alves (2005), afirma que é preciso um olhar diferente para nossos alunos, respeitando todo o contexto vivido por esse indivíduo.

Freud (1910), idealiza que muitas questões mal desenvolvidas na infância, estão relacionadas à sexualidade, em *Os três ensaios da teoria da sexualidade*, o autor traz reflexões sobre a teoria do complexo de Édipo e as consequências dessa fase mal desenvolvida até na fase adulta. No livro *O mal estar da civilização*, Freud (1997), exemplifica por meio do mito Totem e Tabu a teoria do complexo de Édipo, como o valor simbólico, a significação do sujeito, a subjetividade e o desejo, concentra relações imaginárias e como a repressão participa do desenvolvimento social e religioso, observando quais os caminhos as relações humanas de uma família, percorrem no seu desenvolvimento durante a vida escolar e social dos alunos, e quais influências sofrem.

Partindo desse pressuposto, procuramos investigar o que os professores pensam e como eles agem em meio ao cenário de desvalorização do profissional da educação e como se posicionam em momentos vividos diariamente em sua rotina de trabalho. Cada professor teve o tempo que julgou necessário para responder as questões, dentro do limite de uma semana. O questionário aplicado foi em folha impressa e respondido a próprio punho pelos professores.

Após a coleta dos dados, transcrevemos todas as respostas e identificamos cada participante da pesquisa como professor e um numeral, de acordo com a sequência (exemplo: Professor 1, Professor 2, etc.) para que nenhum participante ficasse constrangido ou inibido. Conforme as metodologias utilizadas, afirmamos que:

[...] a questão da metodologia é importante quando se analisa o quadro de referência utilizado; este pode ser compreendido como uma totalidade que abrange dada teoria e a metodologia específica dessa teoria. Teoria, aqui, é considerada toda generalização relativa a fenômenos físicos ou sociais, estabelecida com o rigor científico necessário para que possa servir de base segura à interpretação da realidade; metodologia, por sua vez,

engloba métodos de abordagem e de procedimento e técnicas (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.111).

Sendo assim, procuramos descrever e explorar os dados, para transformar em informações relevantes para a elaboração do trabalho, por meio de pesquisa bibliográfica e de campo, configurando-se como qualitativa, que tem por objetivo:

[...] consistem em investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas, ou o isolamento de variáveis principais ou chave. Qualquer um desses estudos pode utilizar métodos formais, que se aproximam dos projetos experimentais, caracterizados pela precisão e controle estatísticos, com a finalidade de fornecer dados para a verificação de hipóteses. Todos eles empregam artifícios quantitativos tendo por objetivo a coleta sistemática de dados sobre populações, programas, ou amostras de populações e programas. Utilizam várias técnicas como entrevistas, questionários, formulários etc. e empregam procedimentos de amostragem (TRIPODI apud MARCONI; LAKATOS, 2003, p.186).

A pesquisa de campo não tem técnicas específicas, elas podem variar de acordo com cada trabalho, sendo utilizadas diferentes metodologias para a coleta dos dados. Nesta pesquisa, o trabalho de campo nos permitiu mais proximidade com os colegas de profissão e ainda, levantar pontos de discussão muito pertinentes no cotidiano escolar, mas que ainda são relegados a segundo plano. No dia a dia, muito falamos em conteúdos e aprendizagens e, por vezes, esquecemos da importância das relações que se estabelecem na escola e de como o afeto e o amor presentes nas relações influenciam as aprendizagens.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO: A DIDÁTICA DO AFETO

A educação é imbricada pelo afeto, não há como falar de educação deixando de falar de afeto. Isso porque a educação é uma profissão de relações. Relações com alunos, relações com pais de alunos, com colegas de trabalho e outras. Por si só, todas as relações apresentam complexidades e a escola é um local de extrapolação de desejos e necessidades.

Nesse sentido, sentimo-nos instigadas a entender a relação professor e aluno a partir da didática do afeto. Uma didática voltada para o afeto é aquela que procura desenvolver as habilidades intelectuais do aluno, considerando as necessidades de carinho e dedicação de todos os envolvidos no processo de aprendizagem. O professor pode utilizar da teoria do complexo de Édipo (Freud, 1997) como um instrumento para a compreensão da vida e das dificuldades enfrentadas por nossos alunos e por nós mesmos.

A didática do afeto pressupõe: flexibilidade em relação ao conteúdo e as atividades quando o grupo necessita de uma atenção não acadêmica; olhar cada aluno como um indivíduo que necessita de atenção e afeto; conversas em particular quando necessário. “Podemos pensar na didática como a arte de ensinar. E o afeto envolve a dedicação e a demonstração de carinho ou ternura” (PROFESSOR 1).

Considero a didática do afeto uma prática que possui certa importância dentro do processo de aprendizagem. É comprovado cientificamente que um aluno aprende mais quando gosta do professor. Entretanto, isso não significa a meu ver que o professor deva abrir mão de sua autoridade. Não é agir com autoritarismo, nem com excessiva

permissividade. A relação professor/aluno perpassa por respeito e afeto, e um é complemento do outro (PROFESSOR 2).

Entender que a relação professor e aluno perpassa pelo afeto e pelo respeito é muito importante e pressupõe a compreensão das relações familiares e como estas atuam sobre muitos comportamentos externados em sala de aula.

Assim, a teoria do Complexo de Édipo desenvolvida por Freud (1997), é muito debatida na psicanálise, entretanto, pouco debatida na educação. Apesar de ser muito comum e com um pouco de aprofundamento poder observá-la no cotidiano escolar, a teoria da educação se apropria muito timidamente dessa teoria psicanalítica. A falta de debate e de aprofundamento dos conhecimentos e a busca por interligar a realidade pode gerar ideias abstratas que pouco contribuem com o desenvolvimento da educação, conforme observado nesse entendimento de um professor:

Foi em psicologia que estudamos o complexo de Édipo. O que lembro é sobre a história grega em que Édipo mata o pai e se casa com a mãe. Também lembro sobre a psicanálise de Freud e sobre o período fálico e a formação da sexualidade da criança. Mas não me lembro dos detalhes. Fala da formação do desejo sexual. Não concordo com a teoria. Acho que a formação da sexualidade envolve vários fatores não só psicológicas, mas também genéticos e sociais (PROFESSOR 4).

O complexo de Édipo (Freud, 1997), é um dos conceitos mais conhecidos na teoria freudiana, nenhuma criança escapa de passar por ele. Esse conceito é universal na psicanálise, pois desperta sentimentos de amor e ódio aos pais, que mais tarde, serão transferidos para o professor, pela representação de figura de autoridade:

[...] a libido permaneceu ligada à mãe por tanto tempo, mesmo depois do início da puberdade, que as características maternas permanecem impressas nos objetos amorosos que são escolhidos mais tarde, e todas elas se transformam em substitutos facilmente reconhecíveis da mãe [...] (FREUD, 1910, p. 90).

Conforme a sociedade foi evoluindo, o complexo de Édipo (Freud, 1997) também passou a apresentar cenários diferentes. O foco de atenção passou a ser também com alguém fora do núcleo familiar, como o professor, ou uma outra pessoa que faça a representação dos pais, alguém que seja uma figura importante para o indivíduo. É muito importante estarmos atentos aos nossos alunos, pois essa transferência acontece com recorrência nas escolas, precisamos observar o que os alunos nos sinalizam por meio do seu comportamento e de sua fala. Essa transferência ocorre quando o professor assume esse sujeito simbólico, que é inconsciente para o aluno, acontecendo subjetivamente o amor de transferência.

A pesquisa evidenciou que, embora ainda temos na escola um local enfraquecido de debate, há professores que buscam informações e procuram entender teorias para que possam melhorar seu atendimento aos alunos e, conseqüentemente, o resultado da aprendizagem. “O complexo de Édipo acontece nas crianças com idade entre 3 e 5 anos. É uma fase importante da criança para a formação de sua identidade sexual” (PROFESSOR 3).

O ambiente familiar é sempre conflituoso. Se eles serão de fácil resolução ou insolúveis vai depender de como os indivíduos neste ambiente conseguiram resolver seus conflitos interiores. A relação paternal/ maternal vai depender do equilíbrio familiar. Concordo com essa teoria, e com as suas conseqüências, pois vivemos em uma sociedade em que famílias adaptadas, cujos pais não estão “juntos” na educação dos filhos, acaba por interferir (nem sempre negativamente, mas as vezes) na forma como os filhos irão lidar com sua afetividade e seu relacionamento social (PROFESSOR 6).

Sempre que identificamos um aluno em situação de conflito, principalmente afetivo ou psicológico, devemos orientá-lo a buscar ajuda, e também alertar os responsáveis na escola (pedagogo, diretor, coordenador), para que possam observar este aluno que apresentou sinais de pedido de ajuda.

Penso que ensinar exige compromisso do professor com todas as esferas que abrange o aluno, não ultrapassando os limites familiares. O afeto começa em mim, professor, na elaboração da minha aula que não deve ser pensada de forma mecânica ou imperativa, e chega até o aluno quando eu levo em consideração também sua condição no momento de aplicação da aula (PROFESSOR 5).

Retomamos Alves (2005), quando fala da importância de ver além daquilo que está sob os nossos olhos. É importante pensar o aluno no momento de preparação da aula e também no momento de aplicação, observando reações e interesses e, ainda, comportamentos atípicos. A acolhida é uma metodologia essencial para o desenvolvimento do indivíduo como estudante e cidadão, já que utilizando-se do carinho por parte do mestre, o aluno se sente mais seguro para refletir, debater e aprender dentro da sala de aula, apesar das pressões advindas do próprio sistema escolar, da família e da sociedade:

A teoria do “complexo de Édipo” pode se aproximar bastante do que ocorre na sala de aula em certo conjunto de alunos, que percebem no professor um detentor do conhecimento e da sabedoria que o guiará pela vida, além daqueles que se sentem desestimulados pelo sistema tradicional de ensino focado unicamente na transmissão massiva de conteúdo (PROFESSOR 7).

Compreender as relações familiares e como estas interferem no comportamento na escola e na sociedade, torna possível entender e atuar sobre muitos comportamentos em sala de aula.

As atitudes cotidianas dos professores devem envolver o conhecimento sobre o comportamento do aluno, o que reflete em um aprendizado, na medida do possível personalizado, buscando atender individualmente suas especificidades, mesmo estando todos inseridos em uma sala de sala, porém deixar de olhar o todo, a massa, e observar a todos os alunos com cautela, alcançando uma aprendizagem efetiva, tanto na esfera individual como na coletiva.

Percebemos, através dos sujeitos da pesquisa a concordância que grande parte das dificuldades dos alunos vividas na escola, estão ligadas diretamente ou tem alguma relação com o contexto familiar em que este indivíduo está inserido. E que todas as relações afetivas se desenvolvem e/ou podem ser entendidas e explicadas a partir da teoria do complexo de Édipo (Freud, 1997).

Destacamos que as respostas obtidas refletem como nós também desenvolvemos nossas fases enquanto seres humanos, havendo interferências nas respostas:

[...] Os excessos da repressão na educação parecem assim proporcionais à intensidade dos recalques do educador, o que dá base a Freud para aconselhar os que exercem o ofício de educar que se submetam a uma análise pessoal (MILLOT apud FREUD, 1987, p.44).

Enquanto profissionais da educação, devemos constantemente nos analisar, fazendo uma reflexão acerca do nosso comportamento, não podemos permitir que as nossas limitações ou frustrações sejam transferidas para nossos alunos, cabe a cada profissional ter a consciência de que suas atitudes influenciarão os alunos direta ou indiretamente.

Por isso, porque eu acho que a primeira função da educação é ensinar a ver, eu gostaria de sugerir que se criasse um novo tipo de professor, um professor que nada teria a ensinar, mas que se dedicaria a apontar os assombros que crescem nos desvãos da banalidade cotidiana (ALVES, 2005,p.28).



A relação afetiva e de respeito deve ser construída todos os dias, e é de fundamental importância para a aprendizagem dos alunos se sentirem seguros diante de um profissional que transmite confiança e segurança para seus alunos, sem perder o equilíbrio e a posição de autoridade. É nesse sentido que o professor é mediador do conhecimento, pois parte do princípio do acolhimento.

O aprendizado do ver e do ouvir (ALVES, 2005), não se encontra em nossos currículos. É pelo ouvir que conseguimos alcançar todos os alunos, estar aberto e atento ao que eles nos sinalizam, faz com que ganhemos sua confiança.

No sentido do ver e do ouvir, Millot (1987) ressalta a importância de ver e ouvir as experiências das crianças durante seu desenvolvimento, isto implica até mesmo as experiências sobre sexualidade, muitas vezes negadas nas escolas, mas que está intimamente ligada a todo o processo de desenvolvimento intelectual de todos os seres humanos.

A outra grande crítica que Freud dirige às práticas educacionais se refere ao prejuízo que, a seu ver, elas causam ao desenvolvimento das faculdades intelectuais. A repressão da sexualidade pela educação é excessiva quando atinge a curiosidade sexual infantil, ameaçando recalá-la e extinguir posteriormente a curiosidade intelectual que normalmente é sua derivada. O exercício de pensar está intimamente ligado ao destino das pulsões parciais. Em *O esclarecimento sexual das crianças* (1907) e em *Sobre as teorias sexuais das crianças* (1908), Freud se pronuncia a favor da educação sexual infantil e critica a atitude geralmente adotada quanto a isto pelos pais e educadores, atitude essa na qual percebe efeitos da má consciência que estes têm, devida a seus próprios recalques [...] (MILLOT apud FREUD, 1987, p.43).

É necessário um comprometimento de todos os envolvidos na formação dos indivíduos, reconhecer que a repressão da sexualidade não é saudável e que precisa ser tratada com naturalidade, a pedagogia desenvolvida na escola, deve ser uma pedagogia afetiva que compreende como este indivíduo está em processo de desenvolvimento, os fatores que contribuem ou as limitações enfrentadas no contexto que ele está inserido, e não uma pedagogia analítica, onde o professor adota uma postura de exame das situações com juízo de valor.

As reflexões acerca do desenvolvimento dos afetos na escola têm terreno fértil para o desenvolvimento de pesquisas futuras. É necessário abrir caminho para outros olhares e outros sentidos no cotidiano escolar. Escutar, sentir, tocar e ver nossos alunos como seres humanos dotados de inteligências e capacidades, constituem um bom caminho para começarmos um trabalho eficiente e efetivo nas escolas, formando cidadãos cada vez mais preocupados com o bem comum. Acreditar nas capacidades e demonstrar isso por meio do afeto aos alunos faz toda a diferença no processo de ensino e aprendizagem.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Repensar a prática diária é tarefa que se impõe a nós, professores. Sempre levando em consideração que somos todos diferentes, com limitações diferentes, que sofremos influência do meio em que crescemos e vivemos, e que é na família que surgem os primeiros aprendizados e também os primeiros desafios. É dela que recebemos os exemplos para nossos comportamentos e atitudes, pois é a partir dela que são formadas as principais características da personalidade de um indivíduo.

É fundamental que escola e família sigam os mesmos princípios e critérios, bem como a mesma direção em relação aos objetivos que almejam atingir, pois nós também somos referência

para a vida desses indivíduos inseridos no contexto escolar. Precisamos continuar tratando nossos alunos com respeito, para que eles também nos tratem da mesma maneira, existindo um equilíbrio, de fato, nas relações humanas do cotidiano escolar, buscando a melhoria dos relacionamentos e também do processo ensino e aprendizagem. Pois, a “didática do afeto é pensar e agir na função docente não como máquina reprodutora do conhecimento, mas como canal de toda sorte de emoção contida naquele conteúdo, naquele momento, para aquele aluno” (PROFESSOR 5).

Pensar e enxergar o nosso aluno como um ser humano cheio de emoções, frustrações, como alguém que assim como nós, também está passando por um período de aprimoramento tanto educacional como de amadurecimento e crescimento, nos possibilita ver não somente um aluno, mas alguém que precisa de uma atenção cuidadosa no processo pessoal de ensino e aprendizagem:

[...] No silêncio das crianças há um programa de vida: sonhos. É dos sonhos que nasce a inteligência. A inteligência é a ferramenta que o corpo usa para transformar os seus sonhos em realidade. É preciso escutar as crianças para que a inteligência delas desabroche (ALVES,2005, p.32).

Nessa perspectiva, de pensar a educação como um meio para o desenvolvimento de cidadãos melhores, de pessoas que realizam sonhos, como pensar a inferência do olhar do professor? Como o professor pode estabelecer os limites da relação com o aluno e, ao mesmo tempo, fazer com que os alunos se sintam valorizados e seguros? A família e a escola realmente têm sido parceiras no processo de desenvolvimento dos alunos? Como podemos pensar as formações de professores, para que alarguem os horizontes cotidianos? Como a formação pode ir além das letras e dos números, dos currículos fechados e estereotipados?

No cotidiano escolar nem sempre temos respostas para as questões que surgem e por isso sabemos que as pesquisas não se esgotam por aqui, existem novas oportunidades para trazermos novos horizontes e novas discussões para a melhoria da aprendizagem e da profissão do professor.

## REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Educação dos sentidos**: conversas sobre aprendizagem e a vida. São Paulo: Planeta, 2005.

FREUD, S. **Mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

\_\_\_\_\_. (1910). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições para psicologia do amor I). In: \_\_\_\_\_. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol.11).

\_\_\_\_\_. (1912). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições para psicologia do amor II). In: \_\_\_\_\_. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol.11).

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MILLOT, C. (1987) **Freud antipedagogo**. Trad. Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

WEIL, Pierre. **A Criança o lar e a escola**. 24. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.